

A ANTIGUIDADE ROMANA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: DESAFIOS DO ENSINO E DA PESQUISA

Paulo Sérgio de Vasconcellos¹

Filipe Noé da Silva²

Pedro Paulo A. Funari³

(FNS): Obrigado, professor Paulo Sérgio, por aceitar nosso convite para esta entrevista. Em primeiro lugar, gostaríamos que comentasse um pouco sobre como era o ensino e pesquisa sobre o latim e literatura latina no início de sua trajetória acadêmica. Quais mudanças, em termos de ensino e pesquisa, você tem acompanhado ao longo da sua carreira?

(PSV): Quando comecei minha graduação, não havia muitas perspectivas de trabalho na área; eu imaginava que sobreviveria como professor de Português do ensino médio e assim ficava tranquilo quanto ao futuro enquanto me consagrava aos Estudos Clássicos, uma espécie de paixão à primeira vista. Depois, a situação mudou e em pouco tempo víamos concursos de Latim acontecerem por todo o Brasil. Quanto às características da área, assisti a sua crescente internacionalização, que não era uma

¹ Professor de Língua e Literatura Latina, IEL/Unicamp. E-mail: odoricano@gmail.com. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-6718-3604>>

² Pesquisador Colaborador, IFCH/Unicamp. E-mail: f144983@dac.unicamp.br. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-5075-0131>>

³ Professor Titular, IFCH/Unicamp. E-mail: ppfunari@uol.com.br. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-0183-7622>>

preocupação primordial da maioria dos docentes daquele meu tempo de estudante; assim, eu mesmo como que acordei tarde para essa imperiosa necessidade de divulgar o mais possível nossas pesquisas, dialogando com pesquisadores estrangeiros em eventos e divulgando nosso trabalho em artigos nos periódicos internacionais. A meu ver, esta é a mudança mais vistosa que vi ao longo dos anos: desde a graduação, os jovens pesquisadores estão conscientes da necessidade da internacionalização; entre nós, docentes, houve notável incremento na quantidade de trabalhos publicados ou divulgados no exterior. Essa inserção internacional é uma prova eloquente da qualidade da pesquisa que se desenvolve em nosso país nos Estudos Clássicos.

(PPAF): A Eneida de Virgílio pode ser considerada obra seminal na tradição ocidental e constitui um de suas paixões recorrentes, ao longo do tempo. Desde quando, em que circunstâncias tomou contato com Virgílio, a Eneida? Nas décadas desde seus primeiros encontros com a Eneida, como considera que mudaram as perspectivas sobre a obra e seu autor?

(PSV): De fato, tem sido uma paixão; sempre volto, de uma forma ou de outra à *Eneida*; aliás, acabo de finalizar uma edição de sua tradução poética pelo português Lima Leitão, do século XIX. Conheci a *Eneida* na graduação da FFLCH; primeiro lendo-a integralmente em traduções prosaicas; mais tarde, conheci as traduções poéticas de Odorico Mendes e Carlos Alberto Nunes.

No Doutorado, minha intenção inicial era estudar a emulação da *Eneida* pelos *Lusíadas* de Camões; cheguei a redigir um projeto sobre esse tema. Mas quando me deparei com as questões que envolviam a intertextualidade

da própria *Eneida*, que parece conter, alusivamente, um panorama de toda a tradição poética greco-latina precedente, mudei de tema. A grande novidade, parece-me, nos estudos sobre essa epopeia, em autores como o italiano Gian Biagio Conte, era a ênfase na geração de sentidos possibilitada ao leitor pela evocação de um número grande de poetas anteriores (e, aliás, do próprio Virgílio, isto é, das *Bucólicas* e *Geórgicas*). Dediquei-me ao estudo das relações intertextuais que o texto virgiliano mostrava ao leitor que se lembrasse daqueles poemas que são, das formas mais variadas, evocados, por vezes até pela tradução para o latim de verso homérico. Era um universo vasto a explorar, e ainda é, na minha opinião, tamanha a profundidade e amplitude dos fenômenos intertextuais na *Eneida*. A teoria intertextual e sua prática na análise e interpretação dos textos latinos recebeu várias críticas importantes, mas, seja como for, é um dado inegável de que a consideração da intertextualidade dos textos poéticos latinos (e gregos), não mais restrita, praticamente, à pesquisa de fontes que se fazia tanto no século XIX, mas sob o viés dos sentidos possíveis gerados para o leitor, permitiu um ganho significativo no entendimento da poesia antiga, aí incluída a *Eneida*.

Por fim, reflexões modernas sobre Imperialismo, Colonialismo e Identidade de Gênero fizeram com que de uns tempos a esta parte predominassem leituras menos ingênuas da *Eneida*, menos ideologicamente viciadas, e emerge daí uma epopeia muito mais complexa, nuançada e profunda que aquela de que o fascismo italiano tentou se apropriar. Não é uma questão de se ver a epopeia sob perfil liberal ou conservador, mas de reconhecer como esse poema desafia qualquer modo de reduzi-lo ideologicamente de maneira simplista. Enfim, a *Eneida* está mais desafiadora do que nunca para seus intérpretes e leitores informados.

(PPAF): Dentre seus temas de reflexão e de maior repercussão estão a intertextualidade e a intratextualidade. São conceitos importantes para Filosofia, História e outras ciências humanas e de sempre maior relevância. Poderia contar como chegou a interessar-se por eles e como os considera relevantes.

(PSV): Bem, o grosso da história eu contei na resposta anterior. Complemento ressaltando que foi mesmo o estudo da *Eneida* que me abriu os olhos para as questões intertextuais, além, claro, dos estudos como os de Pasquali, na década de 40, sobre a “arte alusiva” e, sobretudo, os de Conte sobre a “memória poética”. Quando ingressei nessa área de estudos, encantei-me sobretudo com a possibilidade de ler textos poéticos descobrindo camadas de sentido que só o viés intertextual fazia vir à luz. Todo pesquisador ou mesmo leitor informado das obras da Antiguidade se vê às voltas com o fenômeno intertextual em sentido largo; até em Homero, fonte de toda literatura antiga, estudiosos vêm mostrando ecos intratextuais que geram sentidos possíveis muito instigantes, como uma espécie de composição em anel da *Ilíada*. Na Antiguidade e muito tempo depois, quando se falava nos ecos de um autor em outro, esse fenômeno era tratado sob a etiqueta da imitação, ou *imitativo*, e emulação, ou *aemulatio*. Mas foi o século XX que decididamente colocou o foco no essencial: efeitos de sentido que vão além da mera ideia de uma homenagem ao predecessor, competição com ele ou um ornato do discurso. Se a poesia latina tem sido vastamente pesquisada sob esse viés intertextual, a prosa ainda me parece timidamente analisada e interpretada; aqui há muito o que fazer. No caso do latim, pode-se ampliar a pesquisa, como alguns têm feito, para estudar a apropriação de certos autores antigos por autores cristãos, um caso de recepção mas,

quando se confronta textos, também de intertextualidade, já que é comum que a incorporação do autor antigo se dê também por ecos textuais concretos ao predecessor.

Enfim, há muito a fazer, sobretudo no âmbito das obras em prosa: Filosofia, História, etc. Não esqueço a passagem de um estudo em que Conte mostra como o início da *Guerra da Gália* de Júlio César apresenta um aspecto formular, tipificador de determinado gênero. Posso estar pouco informado a respeito, já que trabalho sobretudo com a poesia latina, mas parece-me que a prosa antiga é um terreno a ser mais explorado sob o viés intertextual. Reduzi a questão, para não me alongar demais, aos fenômenos do que os Antigos chamariam “imitação”, mas a ideia de intertextualidade pode ser ampliada para abarcar a noção de interdiscurso, e aí não paramos mais: todo discurso reelabora discursos outros, como os linguistas e analistas do discurso têm salientado. Essa é uma questão crucial que também assombra o estudioso da intertextualidade.

(FNS): Atualmente, inúmeros textos antigos têm sido traduzidos e publicados no Brasil: inclusive em edições bilíngues. Se possível, gostaríamos que comentasse essa proliferação de publicações que temos acompanhado nos últimos anos, sobre como essa documentação poderá auxiliar na formação de estudantes e docentes que, eventualmente, se interessem pelo estudo da Antiguidade.

(PSV): O que me alegra é que não se trata apenas de quantidade, mas de qualidade; no passado recente, lembro de ter lido traduções de textos latinos feitas canhestamente do francês por pessoas leigas. Nunca mais vi isso acontecer. Houve um tempo em que era comum os acadêmicos, quase isolados no conhecimento das línguas antigas, ao menos no Brasil, guardarem

na gaveta por anos o que tinham traduzido. Hoje, jovens pesquisadores que realizaram traduções em seu percurso acadêmico, assim como os professores mais experientes não têm, no geral, aquela atitude antiga e, paradoxo dos paradoxos num país que não valoriza a cultura, encontra editoras não apenas universitárias dispostas a publicar. Lembro o caso de um editor de editora privada que dizia: tenho sempre no meu catálogo obras clássicas; vendem pouco, mas vendem sempre. Esse mesmo editor já tem em seu catálogo uma tradução da *Eneida* do século XIX, mas acolheu outra tradução do mesmo poema também daquele século. É um desses casos em que a realidade brasileira nos espanta, mas positivamente.

Respondendo à última parte da pergunta, acho essa oferta de traduções um grande trunfo: no meu tempo de graduação, quando não tínhamos ainda a fluência necessária na língua, só podíamos ler certos textos antigos importantes em traduções para o francês ou inglês, o que era muito limitante. Por outro lado, hoje os alunos de graduação dos cursos de Letras que querem conhecer os textos antigos, mas não aprender latim ou grego, podem ter acesso a eles. Além disso, devemos sempre pensar nos leitores que não são especialistas, mas que terão acesso aos textos da Antiguidade em edições filologicamente confiáveis; aliás, desse grupo de leitores, podem provir futuros alunos dos nossos cursos.

Uma última questão: divulgar esses textos através de traduções bem feitas cria, em nosso país, a eventualidade de uma influência dos clássicos na vida moderna, e não apenas na literatura nacional em sentido restrito (no passado, para citar um só exemplo, a tradução da *Eneida* por Odorico Mendes foi ecoada fortemente no poema épico *Invenção de Orfeu*, do poeta modernista Jorge de Lima). As traduções podem concretamente exercer um papel ativo na cultura de um país, e não tenho dúvidas de que a proliferação

de traduções dos clássicos gregos ou latinos em nosso mercado editorial já está dinamizando o processo de recepção desses clássicos, o que certamente ficará mais visível quando pudermos ter um distanciamento temporal para apontarmos concretamente os frutos desse fenômeno.

(FNS): Depois de ter comentado um pouco sobre o passado, sobre como o estudo da Antiguidade sofreu transformações nas últimas décadas, gostaríamos que você nos falasse um pouquinho sobre quais são seus projetos para o futuro, para os próximos anos que estão aí à frente: seriam trabalhos novos, ou você pretende visitar alguns dos seus temas?

(PSV): Finalizei recentemente uma edição da tradução da *Eneida* feita por Lima Leitão, como já mencionei. O trabalho de revisão para publicação me ocupará mais urgentemente no curto prazo... Também recentemente voltei a um projeto começado em 2016 e não finalizado: estudar os gêneros poéticos a partir de uma tópica, a da descrição do mundo dos mortos na épica, na elegia e na lírica romana. Ainda não decidi se farei algo que me passou primeiramente pela cabeça: transformar esse estudo, já bem desenvolvido, embora não concluído, num livro destinado a leigos. Nesse caso eu teria de suavizar a erudição...talvez colocando as muitas notas só no final do livro, para os que se interessassem em ler o tipo de erudição que costumamos ver os trabalhos acadêmicos. Cada vez mais penso que nunca devemos deixar de ter em mente o leitor não especialista.

Aposentei-me em 2019 e costumo dizer: aposentado, *ma non troppo*. Assim, de quando em quando dou aulas, escrevo artigos, oriento. Um projeto não está muito claro ainda para mim, mas gostaria de trabalhar num livro de introdução à literatura latina destinado também aos leigos: o objetivo seria

mostrar aos leitores porque esses textos tão antigos (mais de mil anos!) me parecem tão instigantes que a gente chega a dedicar quase toda a vida a eles e, em vez de perder algo, ganha sempre... Acredito muito que faz parte da nossa tarefa como classicista fazer o máximo para transmitir aos jovens, sobretudo, não o peso de uma tradição de tantos séculos mas o prazer que traz o convívio com os autores antigos. Às vezes, tem sido meu oásis em meio à barbárie.

(FNS): Em uma resenha⁴ publicada no ano passado, você fazia uma crítica sobre o uso da Antiguidade, em geral, e do Latim, em particular, por setores conservadores da sociedade. Gostaríamos, se possível, que você comentasse um pouco sobre esse tema. Também seria interessante se você pudesse comentar sobre como a pesquisa e ensino sobre a Antiguidade, ao contrário, podem ajudar, hoje, na construção de sociedades mais democráticas.

(PSV): O fenômeno da tentativa de capitalizar os clássicos para ideologias de extrema-direita ou direita (cada vez vejo menos diferença entre elas) não é novidade brasileira, bastando lembrar os supremacistas brancos americanos. Recentemente, certo grupo de religiosos me enviou e-mail falando mal das urnas eletrônicas e do suposto excesso de liberalismo do Papa; eu já esperava o que viria: esse mesmo grupo defendia a volta do latim nas missas e apregoava as maravilhas do seu ensino. Mais um caso do que está tão frequente: setores de direita fazem defesa do latim que só não nos faz envergonhar porque sabemos bem que o que eles entendem por

⁴ Vasconcellos, P. S. de. (2021). RAVIZZA, Padre João. Gramática latina. Rio de Janeiro: Editora CDB, 2020. 716 p. ISBN: 978-65-89415-01-5. *Classica - Revista Brasileira De Estudos Clássicos*, 34(2), 1–6. DOI: <https://doi.org/10.24277/classica.v34i2.968>. Acesso em: 03/01/2021.

Antiguidade e mesmo por Latim é uma construção ideológica muito própria que não resiste a um mínimo de filologia séria... O ensino de latim não é de esquerda nem de direita. Digo mais: a formação de classicista, com sua ênfase na análise cerrada dos textos, por vezes empregando as categorias da retórica antiga, faz desse profissional alguém vacinado contra discursos marcadamente ideológicos e autoritários. O classicista analisa discurso como discurso, não como verdade indiscutível, e isso faz desmoronar ideologias como as que tentam se apropriar do latim. Cícero diz, em algum lugar, que quem não conhece a história está destinado a ser eterna criança. Vejo em certa direita nacional um espírito infantilizado, apegado a supostas verdades indiscutíveis às quais submetem tudo, inclusive o ensino de latim. São negacionistas também da Antiguidade, toda mutilada para caber num imaginário ultraconservador.

O classicista não está acostumado apenas a desconstruir discursos: ele tem a perspectiva da história para julgar, por exemplo, apesar do horror de certa direita ao que chamam “ideologia de gênero”. Que o gênero é mesmo uma construção social, em que pesem, claro, condicionantes biológicos, é mais do que evidente: basta estudar a moral dos antigos gregos e romanos. Aliás, essa direita que exalta o seu conceito de Antiguidade, sempre associada a valores morais e religiosos, ficaria escandalizada com inúmeros textos que desafiam sua ideologia. No fundo, não sabem do que estão falando quando falam em “Antiguidade”: têm em mente o reflexo de suas próprias convicções ao mencionar o termo, e nada é mais antifilológico do que essa postura.

Por outro lado, a literatura latina forma um conjunto de textos escritos por uma elite; e sabemos que a política romana era imperialista e aristocrática. Certas passagens dos textos que lemos e traduzimos trazem frases sexistas. O classicista coloca tudo isso em contexto e aprende: em vez de reproduzir

estereótipos que fazem o mundo antigo se deformar aos nossos olhos para caber no leito de Procusto de uma ideologia, indaga criticamente o que os textos veiculam, situando-os na história. Cada vez mais os que se dedicam aos Estudos Clássicos se encontram conscientes de que, em vez de reproduzir ideologias do passado, devem submeter tudo a um escrutínio cético, e não é incomum que isso resulte numa ferramenta para perceber e recusar estereótipos e preconceitos difundidos no presente. O classicista se recusa a ser aquela eterna criança a que Cícero se referia e, acostumado a tudo colocar em perspectiva, não se deixa seduzir por valores anti-humanos como o racismo, a misoginia, o nacionalismo oco. Ele pode mostrar aos seus contemporâneos de fora da academia que as forças retrógradas que tentam mover a sociedade não são novidade e, a uma análise cerrada de seu discurso e prática, revelam seu viés agressivo e excludente, essencialmente antidemocrático.

Termino contando uma história real, mas, como conto de memória, pode ser que erre em detalhes. Um pastor religioso americano relata em livro que considerava a Bíblia como O Livro, palavra de Deus a ser tomada literalmente. Resolveu aprender as línguas antigas, grego e hebraico. Isso mudou completamente sua visão do Livro, porque viu, na prática, que a sua leitura informada agora lhe trazia o tipo de questões problemáticas que todo objeto de estudo filológico traz. Enfim, cada um acredite no que quiser, mas não tente impor sua crença aos outros baseando-se numa leitura, no fundo superficial, de um texto. O classicista não cai nessa esparrela. O classicista, se realmente classicista, com sua formação filológica, não se deixa seduzir por verdades que se pretendem absolutas. Nada mais antidemocrático que o apego a verdades absolutas (no caso de certa extrema-direita, apego negacionista a mentiras absolutas), e a filologia pode ser um bom antídoto contra elas.